

““Vem por aqui” - dizem-me alguns com os olhos doces / Estendo-me os braços, e seguros / De que seria bom que eu os ouvisse”... e esta é, talvez, a razão mais forte que levou o Portugal da viagem, da ida, da aventura e da conquista a tornar-se em porto morno, morto, em águas paradas, outrora tão nobremente reclamadas!

O hoje que todos nós conhecemos é uma manhã perdida no tempo em que havemos ser, uma tarde calada que se perdeu, a noite de que D. Sebastião se esqueceu!

Talvez seja esse o motivo das ruínas com que hoje nos deparamos, a falta de ideias, o seguir constantemente as pisadas de outros, a falta de um génio que pense diferente, que faça diferente... E é neste contexto político e histórico em que Portugal mergulhou que surge a iniciativa do *Parlamento dos Jovens*, um projecto desafiador, inovador, ousado (até!), que dá voz aos mais novos e que os desafia a ir mais longe, a pensar por si, a não “cruzar os braços”.

Foi assim que acordei na manhã de 27, com sono, é certo, mas com liberdade (não sei porquê?) a reinar-me o espírito. Carreguei comigo a única mala que à pressa tive tempo para organizar, saí de casa com as chaves escondidas no bolso, tropecei ainda no degrau da camioneta que nos levou rumo à capital e adormeci embalado no colo das ruas. Perdi-me, sem querer, nas paisagens que lá fora por mim percorriam e voltei a adormecer, como num sono meio acordado, sem saber de mim, num turbilhão de miragens, como quando nos trespassa a realidade pelo sonho. E nós nunca soubemos de nós...

Sei que parámos em algumas estações de serviço, lembro-me de um pequeno-almoço improvisado numa delas, lembro-me de ter despertado depois de tudo isto e de ter ido, assim como quem vai feliz à procura de nada, por Portugal fora... e viu-nos Lisboa a aparecer pela auto-estrada, dois autocarros com música, risos, brincadeiras, cantos, sorrisos (tudo o que ajudara a enganar o tempo!).

O almoço surgiu assim que desembarcámos, num jardim pequenito, ali ao largo da Assembleia da República, por debaixo das sombras das árvores . O trabalho veio a seguir. Esperou-nos por voltas das 14:00h.

Assim que entrámos na Assembleia, jornalistas e deputados foram separados, entrando os primeiros por uma porta lateral onde foram esclarecidos acerca do projecto que desenvolveriam, os segundos pela porta principal, quais senhores iluminados detentores da verdade, oculta na realidade...

Sei que ao peito me colocaram uma fita vermelha, um distintivo de jornalista quis crer. Identificado e consciente da tarefa, partimos para as salas de reuniões onde os deputados de todo o país, representantes de cada região, se encontravam para discutir e defender as suas convicções e ideais. Foram, para isso, formadas quatro Comissões presididas por deputados de alguns partidos políticos.

Em cada Comissão só um projecto era adotado, por sinal o mais votado e, após a votação, eram eleitas medidas de cada região que seriam implementadas no projecto base. Contas feitas, ao final do primeiro dia, estavam já aprovados quatro projectos base que seriam, no dia seguinte, postos à prova no Plenário.

Para além disso, os jornalistas fizeram também uma visita guiada ao labiríntico edifício, visitando os *Passos Perdidos*, o *Plenário* e toda a sua história de Reis, de República, de Estado Novo, de República de Abril... o mais ainda não chegou!

O jantar, naturalmente servido no claustro, tinha à disposição os mais variados pratos para os mais variados gostos. E o ar que se respirava, o cheiro a Lisboa, trazia-me uma sensação de bem-estar, de conforto, como se em casa me achasse! Aquele calor acolhedor começava já a reclamar para si o cansaço do meu dia.

Passámos a noite no INATEL – uns, dando uns passeios pela marina, que ficava mesmo aos nossos pés, outros, discutindo ideias e ainda batalhando medidas para o dia seguinte. Eu fiquei sentado na noite, por cima das estrelas, a ouvir tudo o que me rodeava. Calado, numa mesa redonda, em torno de amigos, fui-me levando pelo vento que do Tejo soprava e do bem-estar que achava em estar só assim...

A manhã seguinte levantou-se cedo, demasiado cedo! Acordei por volta das 7 horas e, atrasado, tomei um banho e vesti-me a correr. Tive tempo, ainda e sem saber como, para tomar um pequeno grande almoço. Zarpámos passados 40 minutos das 7 horas e lembro-me de andar alguém furioso com o atraso!

Esperou-nos a Assembleia da República para mais um dia de trabalho: assim que entrámos, devidamente identificados, tivemos oportunidade de pôr os conhecimentos do dia anterior em prática. Estivemos no Plenário mais de uma hora, os jornalistas a anotar os principais ventos de mudança, como quem diz, as notícias! Correram, ainda, fotografias pela sala e pelos deputados, pela mesa, pela fachada, pelos visitantes novos que todos os dias se sentam para assistir ao Teatro Nacional!

Tivemos ainda a oportunidade de inquirir deputados, mas deputados a sério, quando estes acabaram de responder às questões colocadas no dia anterior, nas Comissões...

Enquanto o Plenário corria, os jornalistas ausentaram-se para uma Conferência de Imprensa com o deputado do CDS-PP, Dr. José Ribeiro e Castro. Quase duas horas foram marcadas pelas mais variadas perguntas de jornalistas, pelas respostas e pela opinião de um deputado experiente, um decorrer de informação contínua, de pontos de vista oportunos. Quase não dei pelo correr do tempo, não fosse o aroma do almoço servido no claustro invadir os Passos Perdidos... mesmo assim, eu resisti e fiquei até ao fim da Conferência!

Almocei, portanto, tarde, como alguns colegas meus que comigo ficaram. Contentámo-nos com o que havia! Sim, porque os nossos queridos amigos deputados já tinham, entretanto, feito uma pausa de almoço e devorado o manjar da Assembleia.

Acabei de almoçar, provavelmente o último, e fui de imediato para o Plenário que já decorria, em força, com os meus colegas a tentar apanhar as medidas aprovadas. Eu limitei-me a tirar apontamentos de apontamentos... notas atrás de notas, e o teatro continuou...

Continuou e não havia forma de o travar. Prolongou-se mais uma hora e meia do que o previsto, terminou com um acordo e com as dez medidas achadas, lá se entenderam os profissionais do teatro, actores!

Gesticulavam como ninguém, defendiam o seu texto até ao último fôlego, descobriam risos e ironias nos discursos que não fossem os seus, proferiam dissertações inflamadas... (Digam lá se não se parece com um teatro!)

Houve também música e dança no Plenário. Músicas e danças africanas de filmes conhecidos da Disney, lembro-me, vieram quebrar o ritmo da reunião.

No fim, em ato patriótico, talvez para prestar homenagem, talvez por encenação meramente artística, os deputados levantaram-se e, de mão ao peito, (valia qualquer mão para alguns!), cantaram o Hino Nacional.

Deixámos a Assembleia para trás e viu-nos Lisboa içar velas e navegar para norte. Até chegar ao Porto, percorremos longas horas de descanso, diversão, como de costume, com música, jogos. (Eu sei que já o disse, mas tudo vale quando se trata de enganar o tempo!)

Fomos deixando companheiros de viagem em Coimbra, Aveiro, até que chegou a nossa vez de aportar e recolher as velas. Eram 11 horas da noite, talvez mais, quando chegámos ao Porto. Recolhemos malas, despedimo-nos, dissemos adeus.

Senti-me meio perdido, sem rumo, como se sentem os heróis depois da aventura conquistada. Fiquei, por momentos, confuso comigo mesmo... imóvel no meio da rua... abandonado, diria alguém se por mim passasse. E bem fundo de mim, onde não há nada mais do que eu, pensava para onde iria...

“Não sei por onde vou,
Não sei para onde vou,
-Sei que não vou por aí”

Luís Pedro Silvestre Vidal